



Gênero e raça na arte latino-americana: uma análise de dois trabalhos das artistas Isabel Castro e María Luisa Bemberg

Palavras chave: Gênero, Branquitude, Arte Latinoamericana

Área: Artes Visuais

Órgão de Financiamento: SAE/UNICAMP

A pesquisa sofreu alguns ajustes devido ao tempo concedido a ela (6 meses), sendo assim, de quatro obras a serem analisadas, passaram para duas: o vídeo *El Mundo de La Mujer* (1972) de María Luisa Bemberg e as fotografias *Women Under Fire* (1980) de Isabel Castro.



Fachada da Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2018.

O que unia esses dois trabalhos foi a presença deles na exposição *Mulheres Radicais: arte latino americana 1960-1985* realizada na Pinacoteca em 2018 e curada por Andrea Giunta e Cecilia Fajardo-hill. A proposta curatorial da exposição era trazer ao público trabalhos de artistas latinoamericanas mulheres que muitas vezes ficaram sem o devido reconhecimento de instituições nacionais e internacionais que são, em sua grande

maioria, gestadas por homens brancos cisgêneros¹ europeus.

Sendo assim, o presente trabalho também se prestou a analisar a proposta curatorial de *Mulheres Radicais*, uma vez que os recortes curatoriais já traziam questionamentos sobre raça e gênero que são importantes de serem levados em consideração. Sobretudo o recorte conceitual de **corpo político** adotado pelas curadoras, que ao nosso ver, não aborda a pluralidade de corpos latino americanos, por conta da seleção se ater a uma artista mulher negra (Victoria Santa Cruz) e nenhuma artista indígena e nem mesmo transvestigenera².

A artista María Luisa Bemberg nasceu em Buenos Aires em 14 de Abril de 1922 em uma família abastada. Ela estudou em casa com tutores, o que possibilitou a dedicação aos estudos artísticos de maneira integral. Uma das mais importantes diretoras mulheres da América Latina, Bemberg se destacou sobretudo com seu filme *Señora de Nadie* (1982).

1 Cisgênero(a) é a pessoa que se identifica com o gênero designado ao nascer.

2 Transvestigenera é um termo cunhado pela vereadora do Rio de Janeiro Indianara Sophia e pela deputada Erika Hilton. Criado em 2016, o termo se refere a população transgênero, travesti e não-binária

A obra por nós analisada foi *El Mundo de La Mujer*, que é um curta metragem de 15m53s gravado em uma Super 8 em 1972. O filme retrata o evento *Femmimundo 72 - Exposición Internacional de la mujer y su mundo*, que trazia, segundo a artista, uma visão patriarcal de mulheridade.

A artista grava esse curta acompanhada de suas parceiras de militância da Unión Feminista Argentina, e traz de maneira sarcástica uma dura crítica ao patriarcado argentino.



El Mundo de La mujer, María Luisa Bemberg, 1972

Entretanto, para nós cabia analisar não somente a categoria de gênero, como também raça. A artista adota uma postura comumente vista no discurso de feministas brancas, sejam elas latinoamericanas ou não, de universalizar a experiência da mulher.

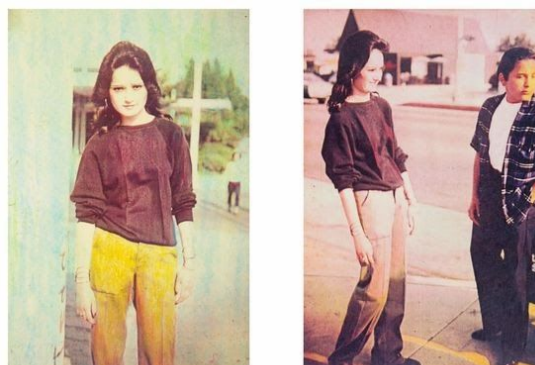
As críticas trazidas por Bemberg se centram na vivência de uma mulher de classe alta branca: a dependência econômica com homens brancos e os padrões de beleza impostos à mulheres brancas, são exemplos de críticas presentes no curta de Bemberg.

Para entender o local de universalidade adotado pela mulheridade branca utilizo três autoras centrais: Anne McClintock, Camila Magalhães Gomes e Hazel Carby.

A segunda artista selecionada por nós é Isabel Castro, nascida em 1954 na Cidade do México, que cresceu e vive até hoje em Los Angeles, Califórnia. Castro não tem o mesmo padrão socioeconômico de Bemberg: estudou em escolas públicas

para imigrantes latinoamericanos nos Estados Unidos.

Castro conviveu com mulheres latinoamericanas que passaram por esterilizações compulsórias em Los Angeles entre a década de 60 e 70 no USC Medical Center. Ela dedicou anos de sua vida colhendo relatos dessas mulheres e seus familiares, o que gerou a série de fotografias *Women Under Fire*, por nós analisada.



Women Under Fire, Isabel Castro, 1980.

Por mais que os fenótipos dos retratos sejam atribuídos à branquitude na América Latina, em território norte americano isto é contestado (CARDOSO, 2016). O trabalho de Isabel Castro busca retratar justamente a vivência das mulheres latinas que vivem em território norte americano e, portanto, perdem privilégios provindos da branquitude em decorrência do local de imigrantes de baixa renda.

Sendo assim, ao analisar o trabalho de Castro nos debruçamos em autores que discutam branquitude e raça,

como Lourenço Cardoso, Aníbal Quijano e Edith Piza.

Objetivo

O intuito desse projeto é, sobretudo, compreender as diferentes abordagens dos trabalhos selecionados acerca de gênero e raça. Todos os trabalhos escolhidos foram realizados por mulheres artistas entre os anos 1960 e 1980, período atravessado pelo debate feminista.

A partir das obras das artistas selecionadas, estabeleci de quais maneiras o trabalho das artistas refletem os diferentes ambientes nos quais as artistas residiam e atuavam, ambientes esses que acabaram por alterar suas vivências. Pontuei também como a branquitude das mulheres latinas é contestada em ambientes estrangeiros, como nos Estados Unidos, e como isso influenciou nas questões de gênero por elas trabalhadas.

Resultados

Através da análise da proposta curatorial, foi possível levantar muitas das questões que alavancaram esse projeto tais como: Onde estão as artistas racializadas e transvestigeneres? De que forma os trabalhos selecionados refletem a realidade da América Latina? Quais são os corpos que pensamos ao construir a noção de latinidade?

Se levarmos em consideração a seleção realizada por Andrea Giunta e Cecilia Fajardo-hill a resposta para essas perguntas não inclui o corpo de mulheres transvestigeneres e mulheres racializadas.

Ao olharmos para os trabalhos de María Luisa Bemberg e Isabel Castro essas questões também se reverberam. Bemberg se debruçou na representação da mulher latino americana durante muitos anos de seu trabalho, entretanto,

apenas a mulher cisgênera branca de classe alta foi representada.

Já em Isabel Castro, apesar do fenótipo lido enquanto branco ser o único representado em suas fotografias, quais privilégios provindos da branquitude essas mulheres carregaram para o território norte americano?

Certamente, as mulheres latinas e chicanas³ que passaram por uma esterilização compulsória possuem uma vivência bem diferente das mulheres brancas norte americanas.

Sendo assim, existe um conflito nos estudos sobre branquitude, e também na presente pesquisa, acerca do limiar dos privilégios conferidos a partir da brancura. Limiar que varia conforme sua classe social e o território no qual você está inserido.

3 chicanas(os) são pessoas nascidas no México ou descendentes de mexicanos que residem em território norte americano.